

## Os impactos do uso da língua materna na aquisição de uma segunda língua na Educação Infantil bilíngue

Magaly Ferrari<sup>1</sup>

Jairo Tetelbom Seligmann<sup>2</sup>  
jairoseligmann@famaqui.com.br

Fernanda Teixeira Silva<sup>3</sup>

### Resumo

A aquisição de uma segunda língua pode ser beneficiada pelo uso da língua materna, diferentemente do que se acredita e é aplicado no contexto da maioria das escolas bilíngues. Sendo assim, o objetivo desta pesquisa foi verificar quais os impactos do uso da língua materna na aquisição de uma segunda língua na educação infantil e os específicos são: mostrar o que é bilinguismo e as teorias da aquisição de uma segunda língua na educação infantil; apresentar as diferentes perspectivas em relação ao uso da língua materna como suporte para a aquisição da segunda língua; verificar os impactos dessas metodologias nesse contexto. Esta é uma pesquisa exploratória e bibliográfica, realizada por meio da análise de livros, artigos em língua portuguesa, espanhola e inglesa. A relevância deste estudo justifica-se pelo fato de ser um tema ainda pouco investigado nos meios acadêmicos. Constata-se, pelos artigos pesquisados, que o uso da língua materna (L1), como suporte para a aquisição de uma segunda língua (L2) na Educação Infantil, traz uma série de benefícios significativos. Ao oferecer um ambiente familiar e confortável, a utilização da L1 ajuda as crianças a compreenderem melhor o conteúdo em L2, construir conceitos sólidos, desenvolver suas habilidades linguísticas e reduzir a ansiedade relacionada à aprendizagem da nova língua.

**Palavras-chave:** Bilinguismo; Educação Infantil; Língua materna; Aquisição de uma segunda língua.

---

<sup>1</sup>Professora de Língua Inglesa, Portuguesa e Metodologia de Pesquisa em instituições universitárias. Especialista em Estudos de Língua Inglesa – PUCRS, Especialista em História das Artes – Faculdade de Música Palestrina, Cursos no exterior: “Fulbright Summer Institute for the study of the U.S. for secondary school teachers and teacher trainers”, The United States Department of State e Fulbright Comissions Worldwide – Amherst, Massachusetts, U.S.A; EYL: “Teaching English to Young Learners”, British Council, Universidade de Leeds, Inglaterra. Mestre e Doutora em Linguística – PUCRS.

<sup>2</sup>Bacharel em Ciências Econômicas – PUCRS, Especialista em Administração de Empresas – UFRGS e Especialista em Gestão Empresarial – SEBRAE – RS. Encontros de estudo na Argentina e Uruguai – Famaqui. Professor universitário – Famaqui – RS.

<sup>3</sup>Bacharel em Educação (Linguagem e Literatura) – FAPA e em Pedagogia – UNINTER, Cursos no exterior: Early Childhood Education and Care – SELC Australia, Sydney, Australia; Sports Coaching – College of Sports and Fitness, Sydney, Australia; The Callan Method of Intensive English Language Learning – Step One College, Sydney, Australia. Professora do Colégio Pan-Americano – Porto Alegre – RS.

## **Introdução**

Atualmente, tem se questionado mais frequentemente acerca do uso da língua materna (L1), para facilitar a aquisição de uma segunda língua (L2), já que, no passado, esta metodologia não era empregada por ser rejeitada com bastante frequência no ensino da língua inglesa em diferentes contextos e, neste caso, nas escolas bilíngues de Educação Infantil.

Hoje, entretanto, essa visão tem mudado, pois novas pesquisas têm demonstrado o contrário, ou seja, que a L1 pode ser empregada para auxiliar no processo de aprendizagem da L2 (CUMMINS, 1981; KRASHEN, 1981; SLAVIN; CHEUNG, 2005; AUGUST; SHANAHAN, 2006; GOLDENBERG, 2008; GARCIA, 2009; BAKER, 2011; ESCAMILLA *et al.*, 2014).

Desta forma, a questão a ser respondida nesta pesquisa é: Em que medida a L1 pode auxiliar na aquisição da L2 na Educação Infantil bilíngue?

Quanto aos objetivos, o geral é verificar quais os impactos do uso da L1 na aquisição da L2 na Educação Infantil; e os específicos são: mostrar o que é bilinguismo e as teorias da aquisição de uma segunda língua na Educação Infantil; apresentar as diferentes perspectivas em relação ao uso da L1 como suporte para a aquisição da L2; e verificar os impactos dessas metodologias nesse contexto.

Esta é uma pesquisa exploratória e bibliográfica, realizada por meio da análise de livros, artigos, dissertações e teses em língua portuguesa, espanhola e inglesa.

Tendo em vista a pesquisadora atuar em uma escola infantil bilíngue, percebe que o emprego da língua materna, durante as atividades em língua inglesa, promove mais facilmente o aprendizado dessas duas línguas, já que as crianças estão em processo de aquisição de ambas, o que pode aumentar engajamento, conforto e motivação para a realização das atividades propostas.

Além disso, o desenvolvimento deste tema se justifica, por ter sido pouco explorado academicamente, necessitando, portanto, de um maior aprofundamento, visto ser corrente ainda o preconceito com o uso da L1 nas aulas de L2, na maioria das escolas.

## **Metodologia**

Esta é uma pesquisa exploratória e bibliográfica, realizada por meio da análise de livros, artigos, dissertações e teses em língua portuguesa, espanhola e inglesa.

A pesquisa exploratória fornece os meios para que o pesquisador tenha uma maior familiaridade com o problema da pesquisa, a fim de torná-lo mais claro. Nesse tipo de estudo, há no geral várias etapas, tais como o levantamento bibliográfico e a análise de exemplos para o entendimento do tema (GIL, 2007).

Também, para este estudo foi utilizada a pesquisa bibliográfica, que é

desenvolvida por meio de um levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto (FONSECA, 2002, p. 32).

São oferecidas, assim, as ferramentas necessárias, para que possam ser definidos e resolvidos problemas conhecidos, além de serem investigadas novas áreas do conhecimento (MARCONI; LAKATOS, 2017).

Desta forma, para que os objetivos fossem atingidos, foi realizada uma busca no Google Acadêmico dos artigos, das dissertações e teses em língua portuguesa, espanhola e inglesa.

De modo a contribuir, ainda que minimamente, para a maior compreensão deste tema, inicialmente pesquisou-se sobre o bilinguismo e a Educação Infantil bilingue; a seguir, sobre o uso da língua materna como suporte para a aquisição da L2 e os impactos dessas metodologias nesse contexto.

## **O bilinguismo, educação bilíngue e aquisição da L2 na Educação Infantil**

Neste capítulo são apresentados os conceitos de bilinguismo e educação bilíngue, assuntos complexos que envolvem várias dimensões, bem como as teorias de aquisição da L2 na Educação Infantil.

A noção de bilinguismo, a partir do século XX, tornou-se cada vez mais ampla e é difícil de ser conceituada. A definição mais comum do termo “bilíngue” é a daquele indivíduo que fala duas línguas e, de acordo com o dicionário Oxford (2000, p. 117), é “ser capaz de falar duas línguas igualmente bem porque as utiliza desde muito jovem”. Na visão popular, considerava-se o bilinguismo como o domínio perfeito de duas línguas, pois a competência bilíngue era considerada como um grau idealizado de conhecimento a atingir em ambas as línguas (BLOOMFIELD, 1933).

Em contrapartida a essa ideia, a palavra “bilíngue” passou a designar falantes que possuem competência linguística em pelo menos duas línguas (MACNAMARA, 1967). Ela

pode ser adquirida de diversas formas, em diferentes idades e contextos e atingir níveis de proficiência variáveis, mas, em todo o caso, é sempre necessário que o falante tenha contacto regular com duas (ou mais) línguas durante um determinado período para que o conhecimento linguístico seja construído (FREITAS, 2017).

Indo mais além, Harmers e Blanc (2000) ressaltam que não se deve ignorar o fato de obilinguismo ser um fenômeno multidimensional, por isto deve ser investigado como tal. Consideram, assim, importante analisar seis dimensões, ao defini-lo: competência relativa, organização cognitiva, idade de aquisição, presença ou não de indivíduos falantes da L2 no ambiente em questão *estatus* das duas línguas envolvidas e identidade cultural.

Como o presente estudo visa a abordar a educação bilíngue na Educação Infantil, tornaremos, por conseguinte, nosso olhar mais atento para as competências de idade da aquisição e do *status* das línguas envolvidas.

A idade de aquisição das línguas é considerada de extrema importância nesse processo, porque afeta diversos aspectos do desenvolvimento do indivíduo bilíngue, como, por exemplo: o desenvolvimento linguístico, neuropsicológico, cognitivo e sociocultural. De acordo com a idade de aquisição da L2, são levados em consideração, nesse cenário, o bilinguismo infantil, adolescente ou adulto. No infantil, o desenvolvimento ocorre simultaneamente ao desenvolvimento cognitivo, podendo, conseqüentemente, influenciá-lo. Esse tipo de bilinguismo está subdividido nas seguintes categorias: simultâneo e consecutivo. No simultâneo, a criança adquire as duas línguas ao mesmo tempo, sendo exposta a elas desde o nascimento. Por sua vez, no consecutivo, a criança adquire a L2 ainda na infância, mas, após ter adquirido as bases linguísticas da L1, aproximadamente aos cinco anos (WEI, 2000/2006).

Conforme o *status* atribuído a essas línguas na comunidade em questão, o indivíduo desenvolverá formas diferenciadas de bilinguismo. Uma diferenciação fundamental ente elas é a originalmente feita por Lambert (*apud* BUTLER; HAKUTA, 2004), segundo o critério de manutenção da L1 ao se adquirir a L2. A partir desse critério, Lambert, mencionado por Butler e Hakuta (2004), diferenciou o bilinguismo aditivo e o subtrativo. O aditivo se dá quando as duas línguas são suficientemente valorizadas no desenvolvimento cognitivo da criança, e a aquisição da L2 ocorre sem perda ou prejuízo da L1. Já no subtrativo, a primeira língua é desvalorizada no ambiente infantil, gerando desvantagens cognitivas no desenvolvimento da criança no qual L2 é adquirida às custas da primeira. Em outras palavras,

ao se adquirir aL2, perde-se a proficiência na primeira, e, neste caso, durante a aquisição da L2, ocorre perda ou prejuízo da L1.

Acrescenta-se ainda que, atualmente, muitas pesquisas apontam para vantagens cognitivas, vinculadas ao bilinguismo aditivo. As novas pesquisas dessa área têm apresentado que há diferenças entre cérebros de bilíngues e monolíngues (PARADIS, 2003). Acredita-se que a estrutura do cérebro humano pode vir a ser modificada pela experiência do aprendizado da L2. Os autores descobriram, pelos estudos neurológicos, que o cérebro dos bilíngues possui uma densidade maior, na região esquerda do crânio que concentra a área de linguagem. A organização dessa área do cérebro está diretamente relacionada à idade em que esse idioma foi aprendido. Dessa forma, conclui-se que uma criança que esteja submetida a um ensino bilíngue pode não apenas ter um rendimento tão bom quanto a educada de forma monolíngue, como pode vir a obter um rendimento superior, desde que haja em casa e na escola uma consonância nos estímulos em ambas as línguas.

Em um sentido amplo, a expressão “educação bilíngue” se refere ao uso de duas línguas como meio de instruções em sala de aula de conteúdos curriculares específicos (MARGANA, 2009).

Para entendermos o contexto do bilinguismo na aprendizagem/aquisição da linguagem, são apresentadas as teorias para explicar esse processo a seguir.

Para Skinner (1957), o comportamento verbal é reforçado pela mediação com a outra pessoa, e três aspectos devem ser levados em consideração, quais sejam: estímulo, resposta e reforço. O pesquisador sugere que a aprendizagem ocorre pela repetição de estímulos, que gera tanto uma resposta e reforços positivos ou negativos, os quais podem influenciar a formação dos hábitos desejados ou o abandono de hábitos indesejados.

Essa teoria, no entanto, segundo autores mais recentes, apresenta falhas. Nesse sentido, de acordo com Paiva (2014), em relação à aquisição da linguagem, ao abordar a teoria acima, esta é considerada como a formação de hábitos automáticos. Ou seja, adquirir uma língua é adquirir hábitos linguísticos automáticos pela repetição de estruturas básicas da língua, o que não é aceito atualmente.

Em contraposição à teoria behaviorista, surgiram as ideias de Chomsky, com uma visão Inatista, a de que o ser humano é dotado de um dispositivo inato de aquisição da linguagem, o *Language Aquisition Device*. É algo que nasce com o ser humano, mas não, um conjunto de comportamentos verbais (SCARPA, 2012).

Segundo o Inatismo de Chomsky, a aprendizagem da L1 ocorre por meios biológicos e naturais, pois a criança aprende a L1 a partir do contato com as pessoas com quem convive em sua rotina diária. O aprendizado da L2 ocorre de forma similar. Berché (1998) observou que a aprendizagem da L2 também necessita de interação plena para o seu desenvolvimento. A introdução da criança em um ambiente estimulante, que possibilite o contato precoce com dois idiomas (L1 e L2), pode ser considerada uma forma de facilitar o domínio ‘natural’ desses idiomas.

Portanto, a L2 pode ser aprendida a partir da vivência e do contato social do indivíduo com os falantes nativos do idioma ou ainda por meio do ensino formal, como ocorre nas escolas bilíngues.

O próximo capítulo foca especialmente nos casos em que o contato com as duas línguas se dá na infância. Abordaremos, desta forma, as particularidades da aquisição da linguagem na Educação Infantil bilíngue, quando a criança é exposta a mais de uma língua no seu dia a dia.

### **Uso da língua materna como suporte para a aquisição da segunda língua**

A educação bilíngue consiste na aprendizagem de duas línguas. Todavia, algumas escolas promovem apenas a intensificação de um segundo idioma, nos moldes de língua estrangeira como fim e não, como meio, e não a aprendizagem efetiva desta por parte dos alunos. O que tem se visto, com frequência, em muitas escolas que se denominam “bilíngues”, é apenas enfatizar o ensino da L2. Mas isto não é suficiente para caracterizar uma educação bilíngue.

De acordo com Margana (2009), o ensino da L2 pode ser realizado das seguintes formas:

- I. Submersão: este modelo acentua o uso exclusivo da L2 no processo de ensino-aprendizagem. Sendo assim, os professores bilíngues têm que utilizar apenas a L2 nas comunicações de sala de aula. O uso da L1 é proibido porque pode atrasar o domínio dos sujeitos da L2.
- II. Imersão estruturada: oferece a integração do sujeito com a L2 e com os outros assuntos que são tratados por professores nativos que promovem o ensino da L2. Dá ênfase à colaboração entre professores e aprendizes bilíngues, pois requer o padrão abrangente do conteúdo a ser aprendido, usando um modelo específico, baseado na apresentação de conteúdos por intermédio de mídias, textos e outros materiais didáticos que visam a facilitar a compreensão dos alunos.
- III. Modelo transitório: tolera o uso da L1 como meio de comunicação em sala de aula, quando os alunos não ainda não são proficientes no idioma-alvo (L2). Em consonância com o desenvolvimento da capacidade na L2, seu uso passa a ser predominante no processo de ensino-aprendizagem.
  - a. Modelo de imersão: Consiste em oito características que incluem: a) o uso da L2, como meio de interação da sala de aula ao lado da L1; b) o uso da L1 para a aprendizagem dos

- conteúdos curriculares; c) a tolerância do uso das interações em sala de aula com a L1; d) o estabelecimento de aditivos bilíngues; e) empregado contexto de classe para aumentar a percepção linguística dos aprendizes em relação aos dois idiomas, facilitando a compreensão dos conteúdos por parte dos alunos nos dois idiomas – L1 e L2; f) proficiência da L1 semelhante à L2 dos aprendizes; h) estabelecimento da cultura local em sala de aula; e i) capacidade/habilidade suficiente tanto na L1 como na L2 por parte dos professores bilíngues.
- IV. Manutenção da linguagem que está em desenvolvimento e a tradicional: oferece o uso de três idiomas, nomeadamente, a língua materna, o primeiro idioma e a língua-alvo. Os professores bilíngues são encorajados a usar o idioma-alvo, mas têm que fazer usoda língua materna e do primeiro idioma sempre que necessário.
- V. Imersão em duas vias: envolve falantes nativos na L2 e falantes nativos na L1 que atuam como professores bilíngues. Destina-se a fazer com que os alunos adquiram a L2 e a L1, já que eles têm diferentes idiomas.

O modelo de imersão pode ser considerado o mais utilizado pelas escolas bilíngues na Educação Infantil, uma vez que essas escolas têm como objetivo o ensino da L2paralelamente ao ensino de conteúdos curriculares, baseados na L1.

Na atualidade, contudo, há uma visão diferente sobre a utilização da L1 para a aquisição da L2, não sendo considerada, assim, um tabu nesse contexto. Há diferentes pesquisas, como as expostas abaixo, que mostram o contrário do que, até então, era tido como verdade.

Por muito tempo, o bilinguismo foi considerado “prejudicial ao desenvolvimento cognitivo, linguístico e educacional” (GRESELE et. al., 2013, *online*). Os que são favoráveis a tal ideia afirmavam que o contraste entre diferentes regras semânticas, pronúncias e pormenores linguísticos acabava por influenciar negativamente o desenvolvimento neurolinguístico. Contudo, com o avanço tecnológico e a realização de novos estudos, verificou-se que os sujeitos bilíngues apresentam uma série de vantagens quando comparados aos monolíngues, como melhores habilidades verbais e não verbais, benefícios relacionados às tarefas metalinguísticas, melhor capacidade cognitiva, maior memória e atenção, além de “possíveis alterações cerebrais estruturais, funcionais e de lateralização” (GRESELE *et al.*, 2013, *online*).

Nas últimas quatro décadas, houve um debate sobre a melhor forma de ensinar crianças bilíngues emergentes. Na maior parte, a discussão se concentrou na língua de instrução e, mais especificamente, se a L1 das crianças deve ser usada para instrução (FRANCIS, LESAUX; AUGUST,2006). Várias revisões de literatura e estudos empíricos compararam o desempenho de estudantes bilíngues emergentes em educação bilíngue e programas somente em inglês e concluíram que o ensino de alfabetização com utilização da L1 promoveu melhores resultados de leitura em inglês do que o ensino que utilizou apenas o inglês (FRANCIS,LESAUX; AUGUST,2006).

Mesmo quando resultados semelhantes em inglês foram encontrados em alunos que eram submetidos à educação bilíngue de transição e aqueles que participavam de programas somente em inglês (SLAVIN; CALDERÓN; SÁNCHEZ, 2011), constatou-se que a educação bilíngue é vantajosa, porque ajuda os aprendizes a se tornarem bilíngues e biletados (GOLDENBERG, 2008). Esse resultado deve ser reconhecido, pois o bilinguismo e o biletamento são resultados acadêmicos, sociais, culturais e cognitivos superiores ao monoalfabetismo.

Estudos que justificam a importância da educação bilíngue afirmam que o uso de duas línguas, fornecidas pela educação bilíngue, favorece a aprendizagem e estabelece sistemas de tradução automática no cérebro dos alunos (ROMAINE, 1995). Nessa perspectiva, May, Hill e Tiakiwai (2004) defendem que a educação bilíngue apresenta vantagens por utilizar a L1 e a L2, como ferramentas para as instruções dadas em sala de aula, para a apresentação de conteúdos selecionados, que existem em um currículo de qualquer nível escolar.

Reforçando essa ideia, Mehisto (2012), sugere que, na educação bilíngue para aprendizagem de L2, os alunos podem atingir os mesmos níveis de realização acadêmica e de proficiência em L1, se comparados aos alunos que são educados apenas em L1; desenvolver a mesma apreciação e compreensão linguística e da cultura que têm da L1 em relação à L2; e atingir níveis muito avançados de proficiência funcional na L2. A aprendizagem da L2 na Educação Infantil pode contribuir para a familiarização da criança não apenas com L2, mas também, com a cultura daquele país, sem prejudicá-la na aquisição de conteúdo na L1. A educação bilíngue permite a formação do sujeito em seu primeiro idioma, ao lado de um segundo idioma global, como o inglês, por exemplo. Além disso, um número crescente de evidências (MEHISTO, 2012) sugere que existem benefícios potenciais para indivíduos, escolas e sociedades em serem bilíngues: maior flexibilidade mental; melhores habilidades interculturais; aumento das oportunidades de troca e comércio global. A formação do sujeito, voltada para a cidadania, deve fazer parte da Educação Infantil, seja em escolas tradicionais ou em escolas bilíngues. No contexto do bilinguismo, a cultura da L2 também é considerada importante, por isso ela também é implementada no conteúdo curricular, sem sobrepor ou diminuir a aprendizagem da cultura relacionada à L1.

Existem várias teorias e perspectivas em relação ao uso da L1 na aquisição da L2. Algumas delas são favoráveis ao uso da L1 no processo de aprendizagem da L2, como as apresentadas a seguir:

- Teoria da Transferência Linguística: Sugere que o conhecimento prévio da L1 pode ser transferido e aplicado na aprendizagem da

L2. Os aprendizes podem usar estruturas gramaticais, vocabulário e estratégias de comunicação que são semelhantes ou compartilham características entre as duas línguas. Isso pode facilitar a compreensão e produção na L2 (SELINKER, 1972).

- Teoria do Aprendizado Significativo: Aprender a L2 é um processo de construção de significados, ea L1 fornece um conjunto de conhecimentos prévios, experiências e conceitos que podem ser conectados e integrados com o novo idioma. O uso da L1 pode ajudar os aprendizes a estabelecerem relações significativas e a compreenderem melhor a L2 (AUSUBEL, 2012).
- Teoria da Competência Comunicativa: Enfatiza a importância da comunicação eficaz na aprendizagem da L2. Os defensores dessa teoria argumentam que, ao usar a L1, como um recurso durante a interação na L2, os aprendizes podem se comunicar de forma mais precisa, fluente e natural. Isso promove o desenvolvimento da competência comunicativa na L2 (HYMES *et al.*, 2009).
- Teoria do *Input* Compreensível: A compreensão do significado é essencial para a aprendizagem da L2, eo uso ocasional da L1 pode ajudar os aprendizes a compreenderem novos conceitos, vocabulário ou estruturas gramaticais na L2. A tradução ou explicação na L1 pode fornecer um *input* compreensível, facilitando, assim, a aprendizagem (KRASHEN, 1981).
- Teoria da Metalinguagem: O uso da L1 pode auxiliar os aprendizes a refletirem sobre as estruturas e regras linguísticas da L2. Ao comparar as duas línguas, os aprendizes podem desenvolver uma consciência metalinguística, percebendo semelhanças e diferenças entre os sistemas linguísticos. Isso pode levar a uma compreensão mais profunda e consciente da L2 (FLORES, 2011).

Um dos modelos mais bem sucedidos encontrados atualmente foi o da alfabetização pareada que é um componente instrucional essencial de um modelo de alfabetização, denominado “*literacy squared*”. Esse modelo é projetado para fornecer instrução de biliteracia em L1 e L2, começando na Pré-Escola e continuando até a quinta série do Ensino Fundamental. Foi desenvolvido para atender às necessidades de crianças bilíngües simultâneas de espanhol-inglês. Bilingües simultâneos são aquelas crianças que estão adquirindo duas línguas desde a tenra idade (BAKER, 2006).

O modelo pareado de alfabetização consiste na instrução de alfabetização fornecida em L1 e L2 desde o início da escolarização. Nessa abordagem, a instrução de alfabetização em inglês não ocorre depois da L1, mas, sim, enquanto as crianças estão aprendendo a escrever e ler na L1. Em contraste com os modelos que constroem barreiras artificiais para separar a instrução de alfabetização em L1 e L2, essa abordagem de alfabetização enfatiza que a alfabetização, nas duas línguas, pode “codesenvolver” (BARRERA, 1983, p. 171). O

objetivo desse modelo de alfabetização não é fazer a transição dos alunos para todo o ensino de inglês, mas promover o desenvolvimento bilíngue e biletado. Em sua revisão de literatura sobre o assunto, Francis, Lesaux e August (2006) constataram que a alfabetização em pares era a abordagem de bialfabetização menos comumente utilizada.

Também é importante observar que alguns modelos de alfabetização pareada, documentados na literatura, começam com a instrução de alfabetização nos dois idiomas, porém interrompem a instrução na L1 dentro de alguns anos, à medida que as crianças adquirem as habilidades e a proficiência linguística para serem bem-sucedidas na L2 (FRANCIS; LESAUX; AUGUST, 2006; SLAVIN; CHEUNG, 2005).

Na instrução de alfabetização pareada, destaca-se uma característica diferente da *literacy squared*, eis que a alfabetização na L1 e o desenvolvimento da L2, na primeira, são propositalmente conectados, para facilitar a aquisição da bilingüidade. A alfabetização na L1 fornece a base para o desenvolvimento da alfabetização. Essa técnica emprega abordagens de ensino e materiais que são autênticos na L1 e se concentra no desenvolvimento do idioma, ou seja, nas habilidades que os alunos precisam para se envolverem com sucesso e produzirem textos em L2. Também, oferece oportunidades para que as crianças apliquem e pratiquem habilidades de alfabetização e conhecimentos adquiridos na L1 para o aprendizado da alfabetização em L2. Os ambientes de linguagem são propositalmente conectados de várias maneiras, como, por meio de um tema compartilhado, gênero, objetivos de alfabetização ou o uso de textos bilíngues. Outra característica distintiva do modelo *literacy squared* está no fato de a alfabetização em L1, quanto à instrução em L2, ser fornecida diariamente, começando na Pré-Escola e continuando até a 5ª série do Ensino Fundamental, como mencionado anteriormente. Nos blocos de alfabetização em L1 e L2, o tempo igual é gasto em leitura, escrita, oratória e metalinguagem em ambas as línguas.

A seguir, apresentamos alguns princípios e estratégias-chave que são usados na abordagem de alfabetização pareada:

- Conexões entre as línguas: Os alunos são incentivados a fazerem conexões entre os sistemas de escrita, vocabulário e estruturas gramaticais das duas línguas. Isso significa que eles exploram as semelhanças e diferenças entre as línguas, para facilitar a aprendizagem de ambas (JAKOBSON, 1988).
- Ativação de conhecimentos prévios: Os alunos trazem seus conhecimentos prévios de ambas as línguas para a sala de aula. Esses conhecimentos são

valorizados e utilizados como base para a aprendizagem de novos conceitos e habilidades (AUSUBEL, 2012).

- Comparação de textos: Os alunos são expostos a textos autênticos em ambas as línguas, permitindo que eles comparem e contrastem as estruturas e características dos textos em L1 e L2. Isso ajuda a desenvolver a consciência metalinguística e a compreensão das especificidades de cada língua (SOLTERO-GONZÁLEZ et. al., 2016).
- Instrução explícita: As habilidades de leitura e escrita são ensinadas de forma explícita em ambas as línguas. Os alunos aprendem estratégias específicas, como identificar pistas contextuais, fazer inferências e usar estruturas gramaticais adequadas em cada língua (BERLINER, David C.; ROSENSHINE, Barak, 1977).
- Desenvolvimento equilibrado: A abordagem de alfabetização pareada visa a desenvolver habilidades de leitura e escrita em ambas as línguas de forma equilibrada. Isso significa que a instrução e a prática são proporcionadas igualmente em L1 e L2, valorizando a proficiência bilíngue dos alunos (ESCAMILLA et al., 2014).
- Apoio individualizado: Os alunos recebem apoio individualizado, com base em suas necessidades e níveis de proficiência em ambas as línguas. Isso pode incluir instrução em pequenos grupos ou tutoria individual para atender às necessidades específicas de cada aluno (TOMLINSON, 1999).
- Integração de conteúdo: Os alunos são expostos a conteúdos acadêmicos em ambas as línguas, permitindo que eles apliquem suas habilidades de leitura e escrita em contextos reais. Isso promove o desenvolvimento de habilidades de biliteracia de forma significativa (ESCAMILLA et al., 2009).

É importante ressaltar que a abordagem de alfabetização pareada requer professores capacitados e materiais adequados para a promoção da aprendizagem em ambas as línguas. Além disso, a colaboração entre os professores de L1 e L2 é essencial, a fim de garantir uma instrução eficaz e coerente. Essa abordagem tem mostrado resultados positivos no desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita em ambas as línguas, proporcionando aos alunos uma base sólida em biliteracia.

### 3.2 IMPACTOS DAS METODOLOGIAS QUE UTILIZAM A LÍNGUA MATERNA NO ENSINO DA L2 NA EDUCAÇÃO INFANTIL, NO CONTEXTO BILÍNGUE

A aprendizagem de línguas é um processo contínuo, desta forma é preciso que sejam levados em consideração aspectos, como o nível, idade e histórico dos alunos e as percepções dos professores para ensinar o idioma. Se o professor insistir em usar apenas a L2 nas salas de aula e ignorar o histórico dos alunos, os alunos podem se sentir forçados a usar este idioma e não ficarem à vontade ao utilizá-lo nem motivados para aprender. Além disso, diminui o ritmo dos alunos que estão dispostos a aprender e usar o idioma. É, portanto, necessário considerar o uso da L1 nas aulas de idiomas (MAHMUTOĞLU; KICIR, 2013).

Um critério de classificação fundamental que envolve a manutenção da L1 e a valorização das línguas em questão é aquele que faz a distinção entre a bilinguagem aditiva e a subtrativa. Nesse sentido, Hamers e Blanc (2000, p. 29) afirmam que

[...] se as duas línguas forem suficientemente valorizadas, o desenvolvimento cognitivo da criança derivará um benefício máximo da experiência bilíngue, que atuará como uma estimulação enriquecida, levando a uma maior flexibilidade cognitiva em comparação com os pares monolíngues. Por outro lado, se o contexto sociocultural é tal que a língua materna seja desvalorizada no ambiente que circunda a criança, seu desenvolvimento cognitivo pode ficar atrasado em comparação com seus pares monolíngues. Em casos extremos, a criança bilíngue pode não estar apta a superar esse atraso.

A aquisição da L2, na Educação Infantil, pelo método de alfabetização pareada traz diversos benefícios para o desenvolvimento das crianças. A L1 da criança pode ser utilizada como base para a aprendizagem da L2 e apresenta vários pontos positivos, os quais serão expostos a seguir. Sendo assim, conforme elucidado na obra “Biliteracy from the Start: Literacy Squared in Action”, de Escamilla et. al. (2014), os impactos positivos na aprendizagem da L2 são os seguintes:

- **Aprendizagem mais natural:** Ao usar a L1, como ponto de partida, as crianças se sentem mais confortáveis e seguras para explorar e aprender a nova língua. Isso cria um ambiente mais natural e estimulante para a aquisição da L2, facilitando o processo de assimilação de novos vocabulários, estruturas gramaticais e pronúncia correta.
- **Desenvolvimento cognitivo:** A aprendizagem da L2, desde a infância, tem efeitos positivos no desenvolvimento cognitivo das crianças. Ao aprenderem uma nova língua, elas são expostas a diferentes formas de pensar, estruturas linguísticas e culturas, o que amplia sua capacidade de compreensão e raciocínio.
- **Transferência de habilidades:** Ao utilizar a L1, como base, as crianças podem transferir habilidades linguísticas e conhecimentos prévios para a L2. Podem identificar padrões, estabelecer conexões e utilizar estratégias de comunicação que já dominam na L1, facilitando a aquisição da L2.

- Autoestima e motivação: Ao utilizar a L1, como suporte, as crianças se sentem mais confiantes e encorajadas a se expressar na nova língua. Isso fortalece sua autoestima e motivação para continuar aprendendo e explorando a L2, já que elas percebem que são capazes de se comunicar e interagir, com sucesso, em diferentes contextos.
- Valorização da cultura e identidade: Ao utilizar a L1, como parte do processo de aprendizagem da L2, as crianças têm a oportunidade de valorizar e manter sua própria cultura e identidade. Podem compartilhar conhecimentos, histórias e tradições com seus colegas de diferentes origens, promovendo a diversidade cultural e o respeito mútuo.
- Promoção da interação social: A utilização da L1, como suporte na aquisição da L2, pode facilitar a interação social entre as crianças que compartilham a mesma L1. Podem se comunicar mais facilmente, trocar ideias, cooperar e construir relações mais fortes, o que contribui para um ambiente de aprendizagem inclusivo e colaborativo.

As abordagens que incluem a L1 para aquisição da L2 na Educação Infantil não excluem o uso da L2 durante o processo de ensino. Pelo contrário, a utilização da L2, de forma gradual e adequada ao nível de proficiência das crianças, é fundamental para o desenvolvimento de suas habilidades na nova língua. A combinação da L1 e L2 cria um ambiente enriquecedor e equilibrado, promovendo a aprendizagem de ambas na Educação Infantil, o que contribui para o desenvolvimento cognitivo, a interação social, a valorização da cultura e a motivação das crianças (AUGUST; SHANAHAM, 2006).

Como mais um exemplo positivo do uso da L1, podemos citar também que, quando o aprendizado é feito pela transferência, o conhecimento da L1 irá influenciar na assimilação da L2 e, conseqüentemente, em outros aspectos, como sotaque, entonação etc. Esses estudos ajudam a corroborar a ideia de que o estudo bilíngüe precoce traz para as crianças inúmeras vantagens além do aspecto social. Acredita-se que o contato com o bilingüismo proporciona a criança a capacidade de compreender, com maior facilidade, outros idiomas pelo resto da vida (ESCAMILLA; HOPEWELL, 2011).

A atenção direta às conexões entre idiomas é fornecida por meio da metalinguagem, na qual os alunos aprendem a analisar cada idioma (seus sons, símbolos, gramática, vocabulário, estruturas e usos), bem como a entender a relação entre os idiomas no contexto da escrita autêntica e atividades de leitura. O desenvolvimento da metalinguagem é promovido por meio da instrução cognata, do uso de livros bilíngües, do emprego estratégico da linguagem (por exemplo, visualização-revisão, gráficos âncora que comparam as duas

línguas) e uma estratégia multilíngue, desenvolvida pelo pesquisador, que valida a tradução como uma forma construtiva do processo que envolve análise sofisticada de linguagem e comunicação entre línguas e culturas (ESCAMILLA *et al.*, 2014; ESCAMILLA *et al.*, 2009).

Também constata-se que o efeito do modelo de alfabetização pareada traz grande benefícios para aprendizagem da L2, pois os alunos podem experimentar ganhos acelerados na alfabetização em L2, enquanto continuam a desenvolver a alfabetização em L1. Essa é uma diferença importante entre os modelos de alfabetização pareada e alfabetização sequencial, visto que a segunda não promove a continuidade do ensino da L1, quando os alunos atingem certos níveis de alfabetização (GOLDENBERG, 2008).

No contexto da educação bilíngue, a translíngua pode viabilizar diálogos entre os aprendizes e os professores, mostrando que, para além desse uso de todo o repertório linguístico para a comunicação, é possível também construir relações sociais nas quais diferentes culturas, diferentes histórias de vida, diferentes comportamentos são bem recebidos, minimizando, por conseguinte, possíveis conflitos na sala de aula (RODRIGUES, 2022).

Na translíngua os recursos linguísticos de diferentes línguas nomeadas e outros recursos semióticos são utilizados para as interações discursivas. Para a produção de sentido, é preciso que haja uma abertura e uma negociação entre os interlocutores. Isso pode acontecer na sala de aula, quando ela se configura um espaço translíngue. Diante disso, as escolas e os professores precisam repensar o modo como é implementada a educação bilíngue de maneira a respeitar a L1 dos estudantes, suas estratégias para fazer e produzir sentido e suas identidades. Sendo assim, as escolas permitirão que esses estudantes possam ser capazes de transitar, compreender e construir conhecimentos nas áreas do currículo escolar não somente na L1, mas também na língua adicional, ou seja, em sua translíngua, permitindo o uso de todo o repertório linguístico desses aprendizes.

Segundo Cummins (1981), "a língua materna desempenha um papel crucial no desenvolvimento da competência comunicativa em uma segunda língua, pois os aprendizes podem utilizar estratégias de transferência e ampliar seu conhecimento linguístico e metalinguístico."

De acordo com a hipótese de proficiência comum de Cummins (1981), os conceitos, habilidades e conhecimentos linguísticos, aprendidos pelo falante na L1, são transferidos para a língua adicional. Portanto, a aprendizagem de línguas não seria algo separado por compartimentos para diferentes línguas em nosso cérebro, o que corrobora a ideia de visão

heteroglóssica. Apoiada na hipótese de Cummins (1981), García (2009, p. 58) salienta que “alunos que foram alfabetizados em uma língua tenderão a obter progresso ao aprender uma língua adicional considerando que o conhecimento de práticas linguísticas, assim como conhecimento de mundo, são transferidos entre as línguas”.

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, Francis, Lesaux e August (2006, p. 397) acreditam que crianças bilíngues emergentes “podem aprender a ler melhor se ensinadas em sua língua nativa (L1) e na L2 desde o início do processo de escolarização formal”.

Em vez de confundir as crianças, ensiná-las a ler e a escrever em dois idiomas simultaneamente, desde o início, fortalece o aprendizado da alfabetização em inglês, enquanto desenvolve a biliteracia. A capacitação em ambos os idiomas oferece uma vantagem acadêmica, conforme demonstrado pelos resultados deste estudo.

### **Considerações finais**

O objetivo desta pesquisa foi verificar quais os impactos do uso da língua materna na aquisição de uma segunda língua na Educação Infantil. Constatou-se, assim, que as pesquisas defendem que o ensino bilíngue proporciona ganhos cognitivos, porque a faixa etária, nesse período escolar, é considerada uma “janela de oportunidade” para aprendizagem.

As valiosas contribuições de L1 precisam ser consideradas. De acordo com os estudos apresentados neste artigo, a L1 pode ser utilizada como ferramenta mediadora no processo de aprendizagem das duas línguas, quando utilizada de forma adequada. Recomenda-se que os professores de inglês usem a L1, para ajudar os alunos a entenderem o significado do vocabulário desconhecido e explicar conceitos gramaticais difíceis. Nas turmas em que não há alunos internacionais, o uso da L1, nas situações citadas acima, pode economizar tempo de instrução, assim os professores poderão dedicar-se às atividades comunicativas nas quais os aprendizes podem utilizar o idioma que pretendem aprender.

Nota-se que a utilização da L1, como suporte para a aquisição da L2 na Educação Infantil bilíngue, traz benefícios significativos para o desenvolvimento das crianças. Ao utilizar a L1, como base, as crianças se sentem mais confortáveis e seguras ao explorar e aprender a L2. Isso promove uma aprendizagem mais natural e estimulante, facilitando a assimilação de vocabulário, estruturas gramaticais e pronúncia correta na nova língua.

Além disso, a utilização da L1 permite que as crianças transfiram habilidades linguísticas e conhecimentos prévios para a L2. Elas podem identificar padrões, estabelecer conexões e utilizar estratégias de comunicação já dominadas na L1, o que facilita a aquisição da L2. A utilização da L1 também fortalece a autoestima e a motivação das crianças, pois elas percebem que são capazes de se comunicar e interagir com sucesso em diferentes contextos linguísticos. Isso cria um ambiente enriquecedor e colaborativo, favorecendo a interação social entre as crianças que compartilham a mesma língua materna. Somando-se a isso, o uso da L1, como suporte, valoriza a cultura e a identidade das crianças, permitindo que elas compartilhem suas experiências, histórias e tradições com os colegas de diferentes origens. Isso promove a diversidade cultural, a compreensão intercultural e o respeito mútuo.

No entanto, é importante ressaltar que a utilização da L1, como âncora, não exclui a importância do uso da L2 durante o processo de ensino. A combinação adequada da L1 e L2 cria um ambiente equilibrado, promovendo uma aquisição bilíngue menos dolorosa e efetiva. Em suma, a utilização da L1, como suporte para a aquisição da L2 na Educação Infantil bilíngue impacta de forma positiva aspectos, tais como cognitivos, linguísticos, sociais e culturais. Esse enfoque oferece uma abordagem mais inclusiva, natural e eficaz para o desenvolvimento bilíngue das crianças, além de ter o potencial de melhorar o desempenho da alfabetização dos alunos em ambas as línguas sendo esses benefícios cumulativos.

## Referências

AUGUST, D., SHANAHAN, T. **Developing literacy in second-language learners: Report of the national literacy panel on language-minority children and youth.** Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2006.

AUSUBEL, D. P. **The acquisition and retention of knowledge: A cognitive view.** Berlin: Springer Science & Business Media, 2012.

BAKER, C. **Foundations of bilingual education and bilingualism.** Bristol: Multilingual Matters, 2011.

BARRERA, R. Bilingual reading in the primary grades: Some questions about questionable views and practices. *In*: ESCOBEDO, H. (Ed.), **Early childhood bilingual education: A Hispanic perspective.** New York, NY: Teachers College Press, 1983, pp. 164-184.

BERLINER, D. C.; ROSENSHINE, B. The acquisition of knowledge in the classroom. **Schooling and the acquisition of knowledge**, p. 375-396, 1977.

BERCHÉ, M.P. **Adquisición de lenguas extranjeras: perspectivas actuales en Europa.** Madrid: Edelsa, 1998.

BILINGUE. **Oxford Advanced Learner's Dictionary.** Oxford: Oxford University Press, 2000.

BLOOMFIELD, L. **Language.** New York, NY: Holt, 1933.

BUTLER, Y. G.; HAKUTA, K. Bilingualism and Second Language Acquisition. *In*: BHATIA, T. K.; RITCHIE, W.C. **The Handbook of Bilingualism.** United Kingdom: Blackwell Publishing, 2004.

CUMMINS, J. The Role of Primary Language Development in Promoting Educational. **Schooling and language minority students: A theoretical framework**, 1981.

ESCAMILLA, K.; HOPEWELL, S. When Learners Speak Two or More Languages. *In*: LAPP, D.; FISHER, D. (Eds.), **Handbook of Research on Teaching the English Language Arts.** New York, NY: Routledge, 2011, pp. 17-21.

ESCAMILLA, K.; GEISLER, D.; HOPEWELL, S.; SPARROW, W.; BUTVILOFSKY, S. Using writing to make cross-language connections from Spanish to English. *In*: RODRIGUEZ, C. (Ed.), **Achieving literacy success with English language learners: Insights, assessment, and instruction.** Worthington, OH: Reading Recovery Council of North America, 2009, PP. 141-156).

ESCAMILLA, K.; HOPEWELL, S.; BUTVILOFSKY, S.; SPARROW, W.; SOLTERO-GONZÁLEZ, L.; RUIZ-FIGUEROA, O.; ESCAMILLA, M. **Biliteracy from the Start: Literacy Squared in Action.** Philadelphia, PA: Caslon Publishing, 2014.

FLORES, O. C. (Meta) Linguagem. **Revista Linguagem & Ensino**, v. 14, n. 1, p. 243-261, 2011.

FREITAS, M. J.; SANTOS, A. L. (eds.). **A aquisição de língua materna e não materna: Questões gerais e dados do Português**. Textbooks in Language Sciences 3. Berlin: Language Science Press, 2017. doi: 10.5281/zenodo.889261

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Ceará: Universidade Federal do Ceará, 2002.

FRANCIS, D.; LESAUX, N.; AUGUST, Francis, D. J. Language of Instruction. *In*: August, D.; Shanahan, T. (Eds.). **Developing literacy in second-language learners: Report of the National Literacy Panel on Language-Minority Children and Youth**. Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 2006, pp. 365-413.

GARCÍA, O. **Bilingual education in the 21st century: A global perspective**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOLDENBERG, C. Teaching English Language Learners: What the Research Does – and Does Not – Say. **American Educator**, p. 8-44, 2008. Disponível em: <https://www.aft.org/periodical/american-educator/summer-2008/teaching-english-language-learners>. Acesso em: 14 abr., 2023.

GRESELE, A. D. P.; GARCIA, E. M. O. T.; SANTOS, S. N. S. S.; COSTA, M. J. Bilinguismo e habilidades de processamento auditivo: desempenho de adultos em tarefas dicóticas. **CoDAS**, São Paulo, v. 25, n. 6, 2013.

HAMERS, J.; BLANC, M. **Bilinguality and Bilingualism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

HYMES, D.; FRANCO, M. M. S.; FERREIRA, M. E. S.; ZOCARATTO, B. L. Sobre competência comunicativa. **Revista Desempenho**, v. 1 n. 11, 2009. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rd/article/view/9364>. Acesso em: 13 maio 2023.

JAKOBSON, R. **A metalinguagem como um problema linguístico**. Tradução de Waldermar Ferreria Netto. Ann Arbor: University of Michigan, 1988.

KRASHEN, S. D. Schooling and language minority students: A theoretical framework. *In*:

KRASHEN, S. D. **Bilingual education and second language acquisition theory**, , 1981, pp. 51-79.

MACNAMARA, J. Bilingualism in the modern world. **Journal of Social Issues**, v. 23, pp. 1-7, 1967.

MAHMUTOĞLU, H.; KICIR, Z. The use of mother tongue in EFL classrooms. **EUL Journal of Social Sciences**, v.4, I, LAÜ Sosyal Bilimler Dergisi, June, 2013.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MARGANA, M. H. Developing Model of Bilingual Education at Vocational High Schools in Yogyakarta. **Research Report of Competitive Grant Funded by DIKTI**, 2009.

MAY, S.; HILL, R.; TIAKIWAI, S. Bilingual/immersion education: Indicators of good practice. **Final Report to the Ministry of Education**, New Zealand, 2004.

MEHISTO, P. **Excellence in Bilingual Education: A Guide for School Principals**. Cambridge: CUP/Cambridge International Examinations, 2012.

PAIVA, V. L. M. O. **Aquisição de Segunda Língua**. São Paulo: Parábola, 2014.

PARADIS, M. **Differential use cerebral mechanisms in bilinguals**. Banich, M.T., 2003

RODRIGUES, E. C. O. **Utilizando práticas translíngues para facilitar a aprendizagem da língua inglesa em contexto escolar bilíngue**. 2022. 116f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, 2022. Disponível em:  
<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/54183/1/DISSERTA%c3%87%cc3%83O%20ERICA%20CAMILA%20DE%20OLIVEIRA%20RODRIGUES%20%282%29.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2023.

ROMAINE, S. **Bilingualism** (2nd ed.). Oxford, UK: Basil Blackwell Ltd., 1995.

SCARPA, E. M. Aquisição da linguagem. *In*: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística**. 8 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012, v. 2, pp. 241-271.

SELINKER, L. Interlanguage. **International Review of Applied Linguistics in Language Teaching**, Berlin, v. 10, n. 1-4, pp. 209-232, 1972.

SKINNER, B. F. **Verbal Behavior**. Cambridge, MA: B. F. Skinner Foundation, 1957.

SLAVIN, R.E.; CHEUNG, A. A Synthesis of Research on Language of Reading Instruction for English Language Learners. **Review of Educational Research**, v. 75, pp. 247-284, 2005. doi: <https://doi.org/10.3102/00346543075002247>

SLAVIN, R.; CALDERÓN, M.; SÁNCHEZ, M. Effective Instruction for English Learners. **The Future of Children**, v.21, n. 1, pp. 103-127, 2011. Disponível em:  
<http://www.jstor.org/stable/41229013>. Acesso em: 23 abr. 2023.

SOLTERO-GONZÁLEZ, L.; SPARROW, W.; BUTVILOFSKY, S.; ESCAMILLA, K.; HOPEWELL, S. Effects of a paired literacy program on emerging bilingual children's biliteracy outcomes in third grade. **Journal of Literacy Research**, v. 48, n.1, pp.80-104, 2016.

TOMLINSON, C. A. **The differentiated classroom: Responding to the needs of all learners**. Alexandria, VA: ASCD, 1999.

WEI, L. **The Bilingualism Reader**. London and New York: Routledge, 2000/2006.